

Fechamento da safra nacional: o cacau - 6

OLINDINA VIANNA MESQUITA
MARISTELLA DE AZEVEDO BRITO

CONCLUIU-SE no primeiro semestre de 1979 a safra do cacau, produto fortemente orientado para o mercado externo, o qual absorve cerca de 90% da produção nacional. Em 1978 o cacau colocou-se em quarto lugar em termos de valor de exportação — após o café, a soja e o minério de ferro — contribuindo com 6,6% do valor total gerado pelas exportações brasileiras.

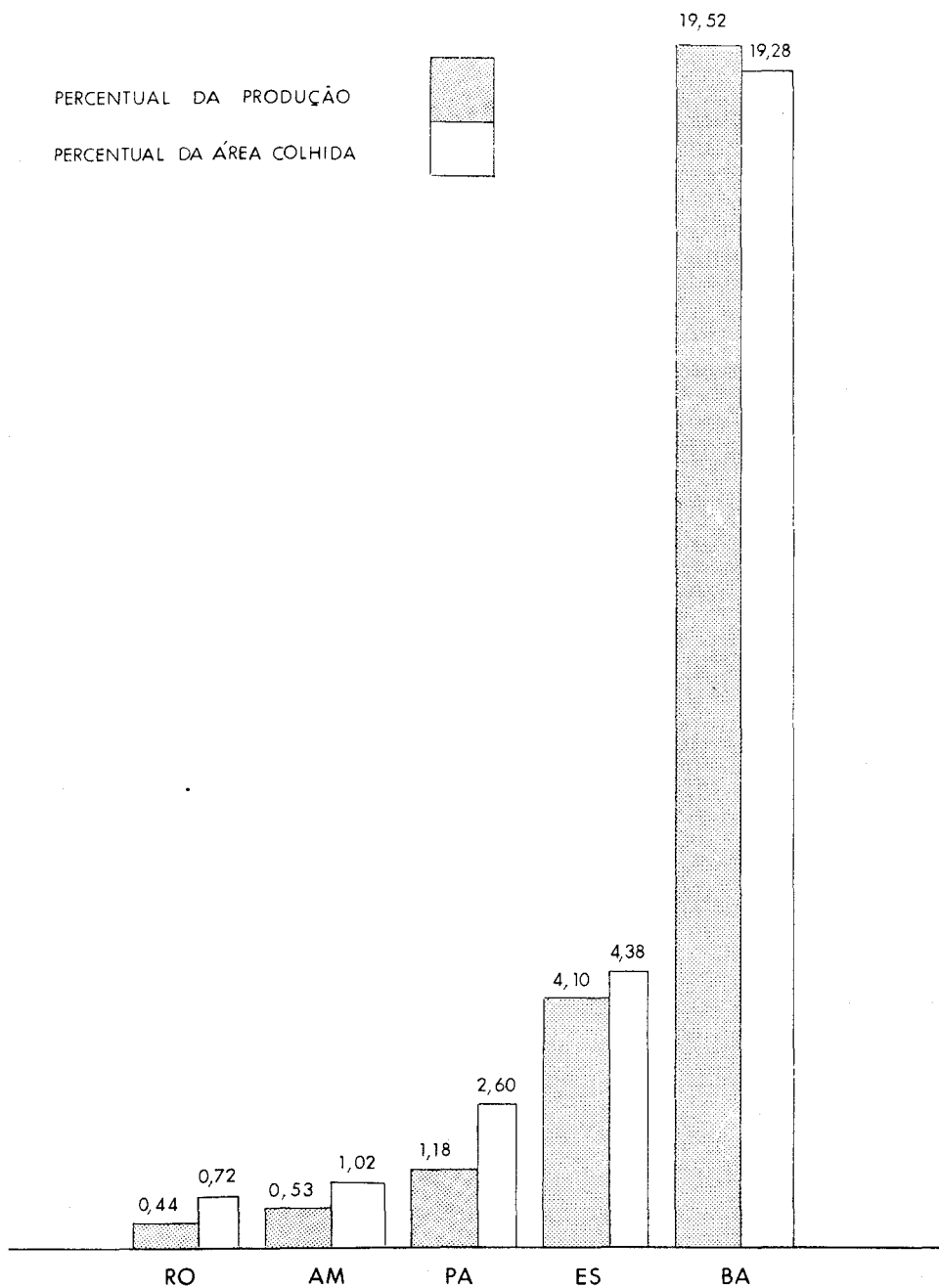
Trata-se de um produto da lavoura permanente que tem sua colheita efetuada ao longo de um extenso período de tempo, registrando-se uma safra temporã, que se estende do início de maio ao fim de setembro, e uma safra principal compreendida entre o começo de outubro e o término no mês de abril do ano seguinte. Essas duas safras, quando agregadas, correspondem ao que se convencionou chamar de ano agrícola brasileiro, que difere do ano agrícola internacional já que este se estende do início de outubro ao final do mês de setembro do ano subsequente.

Considerando os dados expressos com referência ao ano agrícola brasileiro, registra-se, para o cacau, na safra 1978/79, uma produção nacional de 284 mil toneladas, 8,9% superior à produção da safra passada, mas ainda inferior à safra recorde 1975/76 (tabela I). Um dos fatos marcantes na produção do cacau é a sua alta concentração no Estado da Bahia que deteve na última safra 93,5% da produção nacional (gráfico I). O Espírito Santo, que é o estado que lhe segue em termos de magnitude de produção, contribuiu com 4,2% da produção nacional. Os restantes 0,5% são produzidos em três unidades federadas da Região Norte — Pará, Amazonas e Rondônia.

Embora nativo na Amazônia, o cacau, introduzido no século XVIII na Bahia, tornou-se, no fim do século XIX e início do atual, uma das mais importantes atividades agrícolas desse estado que passou, a partir

SEGUNDO AS UNIDADES DA FEDERAÇÃO

SAFRA 1978 / 79



FONTE: IBGE — LEVANTAMENTO SISTEMÁTICO DA PRODUÇÃO AGRÍCOLA — MAIO - 1979

GRÁFICO I

de então, a deter uma posição hegemônica na produção nacional. Na Bahia o cultivo do cacau é também altamente concentrado, localizando-se numa faixa paralela ao litoral sul do estado, caracterizada por totais pluviométricos elevados e bem distribuídos no decorrer do ano, solos férteis e vegetação florestal, condições que se afiguraram como especialmente favoráveis ao desenvolvimento da cacauicultura.

TABELA 1

Evolução da produção de cacau no Brasil e na Bahia, safras 1974/75 a 1978/79 (mil toneladas)

ANO — SAFRA	BRASIL	BAHIA
1974/75.....	200	193
1975/76.....	289	281
1976/77.....	234	225
1977/78.....	261	249
1978/79.....	284	271

FONTE: *Cacau Informe Econômico*
Vol. III — n.º IV, CEPLAC 1979

Dessa forma, a ocupação do sudeste baiano insere-se no quadro geral de ocupação de área de mata pela lavoura nos séculos passado e atual e constitui-se num exemplo de espaço cuja estruturação se fez em função de um produto agrícola de alto valor comercial e destinado à exportação, sendo, por isso mesmo, especialmente sensível às alterações no quadro mundial da produção e da demanda de cacau. Visando a reduzir a excessiva concentração da vida regional em torno de um único produto, os próprios órgãos voltados para a organização da produção cacauífera dedicam parte de suas verbas e de sua atuação à diversificação da produção agrária regional.

A posição de liderança do Estado da Bahia na produção cacauífera deve-se manter na medida em que as diretrizes oficiais para a expansão de cacauicultura no Brasil, consubstanciadas no PROCACAU, embora prevejam a ampliação da superfície plantada em áreas atualmente pouco ou não participantes na produção do cacau, conferem grande atenção ao aumento da área produtora no próprio Estado da Bahia e à renovação de 150.000 hectares de cacauais pouco produtivos nesse estado. Vale, porém, ressaltar que a liderança da Bahia no quadro nacional tende a ser relativizada, já que o programa de expansão da cacauicultura prevê que até 1985 cerca de 160.000 novos hectares devam ser cultivados com cacau na Amazônia, dos quais 100.000 hectares no território de Rondônia. A se concretizar essa implantação, a destribuição espacial da produção deverá passar por transformações sensíveis, já que nas novas plantações racionalmente efetuadas, a alta produtividade deve, de certa forma, compensar a menor expressão espacial da lavoura cacauífera no norte do País.

A área produtora de cacau no Brasil tem mantido um caráter de relativa estabilidade, tendo apresentado, nos últimos cinco anos agrícolas, taxas de crescimento modestas, sendo a área em produção no ano agrícola 1978/79 (443.899 hectares) superior apenas em 7,74% à área produtora no ano 1974/75. Essa área em produção deverá sofrer

alterações substanciais com a progressiva colocação em prática das medidas de ampliação da área plantada contidas no PROCACAU, que prevê a implantação de 300.000 novos hectares no período 1976/85, em atendimento ao objetivo de elevação da produção cacaueteira no País.

No ano agrícola 1978/79 a Bahia concentrou 93,1% da área total em produção no Brasil (gráfico 1), sendo a expansão, relativamente ao ano anterior, de 3,0%, correspondentes a 12.161 hectares. O Espírito Santo participou com 4,8% da área em produção, apresentando um crescimento de 7,5% e de 1.500 hectares com relação ao ano anterior. A região amazônica com 2,1% da área cacaueteira em produção na safra 1978/79, teve em Rondônia a sua unidade federada de mais significativo crescimento com relação a 1977/78.

Os mais altos níveis de produção de cacau no Estado da Bahia se devem não só ao fato de concentrar a área em produção mas também de deter a mais elevada produtividade cacaueteira do País, superior à média nacional. Tal fato se deve à circunstância de ser esse o estado onde mais se tem acumulado, ao longo do tempo, a aplicação dos resultados do trabalho dos órgãos de pesquisa e experimentação agrícola do cacau, oficialmente patrocinados e aí sediados.

Atuação importante no âmbito da pesquisa e extensão vem tendo a Comissão Executiva do Plano da Lavoura Cacaueteira (CEPLAC), sustentada por uma taxa de 10% sobre as exportações e atualmente ligada ao Ministério da Agricultura. O objetivo inicial de sua criação, no fim da década de 1950, foi a atuação nas áreas de crédito e comercialização. Foi decisiva, entretanto, no sentido de fixar-lhe novas atribuições, a implantação de um Centro de Pesquisa do Cacau (1963) e de um Departamento de Extensão (1964), tendo este último escritórios localizados na Bahia e no Espírito Santo. Assim, a CEPLAC passa a empenhar-se em imprimir caráter mais racional à lavoura cacaueteira, direcionando-a para metas de mais alta produtividade.

Na safra 1978/79 a produtividade no Estado da Bahia foi de 656 kg/h (tabela 2), superior em 5,6% à da safra anterior, favorecido que foi esse estado pela ausência de perdas significativas na produção motivadas pela praga "podridão parda" nesse ano safra e pela não ocorrência de fatores climáticos prejudiciais à cacauicultura.

TABELA 2

Área em produção, produção e produtividade de cacau segundo as Unidades da Federação brasileira, safras 1977/78 e 1978/79

UNIDADES DA FEDERAÇÃO	SAFRAS					
	Safra 1977/78 ⁽¹⁾			Safra 1978/79 ⁽²⁾		
	Área em Produção (ha)	Produção (t)	Produtividade (kg/ha)	Área em Produção (ha)	Produção (t)	Produtividade (kg/ha)
Bahia.....	401.063	249.085	621	413.224	271.000	656
Espírito Santo.....	19.880	9.564	481	21.380	12.000	561
Pará.....	7.378	1.731	235	7.500	1.003	134
Amazonas.....	1.188	400	337	1.188	215	181
Rondônia.....	96	51	531	x607	150	247

FONTE: ⁽¹⁾ — Anuário Estatístico do Cacau, CEPLAC, 1978, p. 46

⁽²⁾ — Levantamento sistemático da Produção Agrícola, Fundação IBGE, maio 1979.

No Espírito Santo a produtividade na safra 1978/79 alcançou 561 Kg/ha, a segunda do País, registrando um aumento de 16,6% em relação à da safra anterior. A cacauicultura aí implantada já no século XX, no vale do rio Doce, por plantadores da Bahia, foi caracterizada por requisitos técnicos que faltaram à fase inicial da cacauicultura baiana. Também se beneficia o Espírito Santo de serviços de pesquisa e extensão, embora de modo menos acentuado que a Bahia. Tais fatos podem responder, nesse estado, pelo nível significativo de produtividade, inferior apenas ao da Bahia.

Na cacauicultura da Amazônia, além de fracos, os níveis de produtividade da safra 1978/79 apresentaram-se decrescentes com relação aos da safra anterior. O ataque de um fungo conhecido pela denominação "vassoura de bruxa", e que tem como hospedeiro as plantas do gênero *Theobroma*, causa, habitualmente, grandes prejuízos à lavoura cacauera na região e sua ocorrência, registrada na imprensa no mês de maio do corrente ano, poderá reduzir consideravelmente os níveis de produtividade da próxima safra. Tal ocorrência mobilizou esforços para impedir a entrada dessa praga na Bahia, desenvolvendo-se, para controle desse fungo, uma campanha especial que absorveu, em 1978, Cr\$ 9.000.000,00 e que, em 1979, deverá absorver pouco mais que o dobro dessa quantia.

A participação da produção brasileira na produção mundial de cacau tem se mantido bastante estável nos últimos cinco anos (17 a 19%), embora a posição relativa do Brasil venha sofrendo alterações no sentido de colocá-lo mais favoravelmente no conjunto dos países produtores (gráfico 2).

Na produção mundial de cacau, nos últimos anos, ocorrem flutuações significativas que refletem as oscilações de produção verificadas na maioria dos países produtores. Apenas dois países africanos — Gana e Nigéria — revelaram tendência à diminuição na produção ao longo dos últimos anos, motivada pela produtividade decrescente dos cacauais desses países (tabela 3). As quedas de produtividade decorrem da idade já avançada das plantações de cacau que, iniciadas no século XIX, têm sido muito pouco atingidas por um processo de renovação, não sendo a cacauicultura objeto de programas de caráter oficial que visem ao aumento da produtividade e da produção. Por outro lado, o monopólio estatal da comercialização da produção, aliado aos baixos preços pagos aos produtores não os vem estimulando a adotar medidas para aumento da produtividade. A Costa do Marfim e o Brasil figuram entre os grandes produtores que tendem a aumentar os níveis de produção, tendo passado a ocupar, na safra 1977/78, respectivamente, o primeiro e o segundo lugares na produção de cacau. A serem confirmadas as previsões para 1978/79 esses dois países continuarão na liderança da cacauicultura mundial, mantendo estáveis suas produções em contraste com os decréscimos previstos para Gana e Nigéria, no referido ano agrícola internacional.

Acredita-se que, a médio prazo, acentuem-se as tendências apontadas para os últimos anos, verificando-se aumento progressivo da produtividade no Brasil e decréscimo em Nigéria e Gana, países que já apresentam produtividade baixa, quando confrontada com a brasileira e cuja posição relativa tende a se deteriorar, tendo em vista o programa de racionalização da produção cacauera no Brasil. Este já conduziu a produtividades elevadas em algumas áreas produtoras e leva a prognosticar produtividades ascendentes em outras áreas de implantação mais recente da cacauicultura em moldes modernos, nas quais a etapa de maior produtividade no ciclo produtivo dos cacauzeiros ainda está por ser atingida. Tal evolução da cacauicultura no Brasil leva a crer na

TABELA 3

*Evolução da produção de cacau no mundo
Safras 1974/75 a 1978/79
(Mil toneladas)*

PAÍSES	SAFRAS				
	1974/75	1975/76	1976/77	1977/78	1978/79
Brasil.....	265,5	251,1	226,2	279,3	278,0
Camarões.....	118,0	96,0	82,0	108 2	110 0
Costa do Marfim.....	241,0	227,3	230,0	303,6	300,0
Equador.....	75,3	60,0	72,3	80,0	80,0
Gana.....	381,6	396,0	324,0	271,3	255,0
México.....	32,0	33,1	24,2	34,7	38,0
Nigéria.....	214,0	215,0	165,0	202,0	169,0
República Dominicana.....	33,2	32,0	38,0	35,0	35,0
Demais Países.....	133,4	127,5	126,3	330,9	130,0
TOTAL.....	1.494,0	1.438,0	1.288,0	1.445,0	1.386,0

FORNE: *Quarterly Bulletin of Cocoa Statistics*, Vol. 5 — n.º 3, 1979 — ICCO, Londres

viabilidade de ser atingida a meta estabelecida pelo PROCACAU, de produção anual de 700.000 toneladas, o que poderia colocar o País em primeiro lugar entre os produtores de cacau em meados da próxima década.

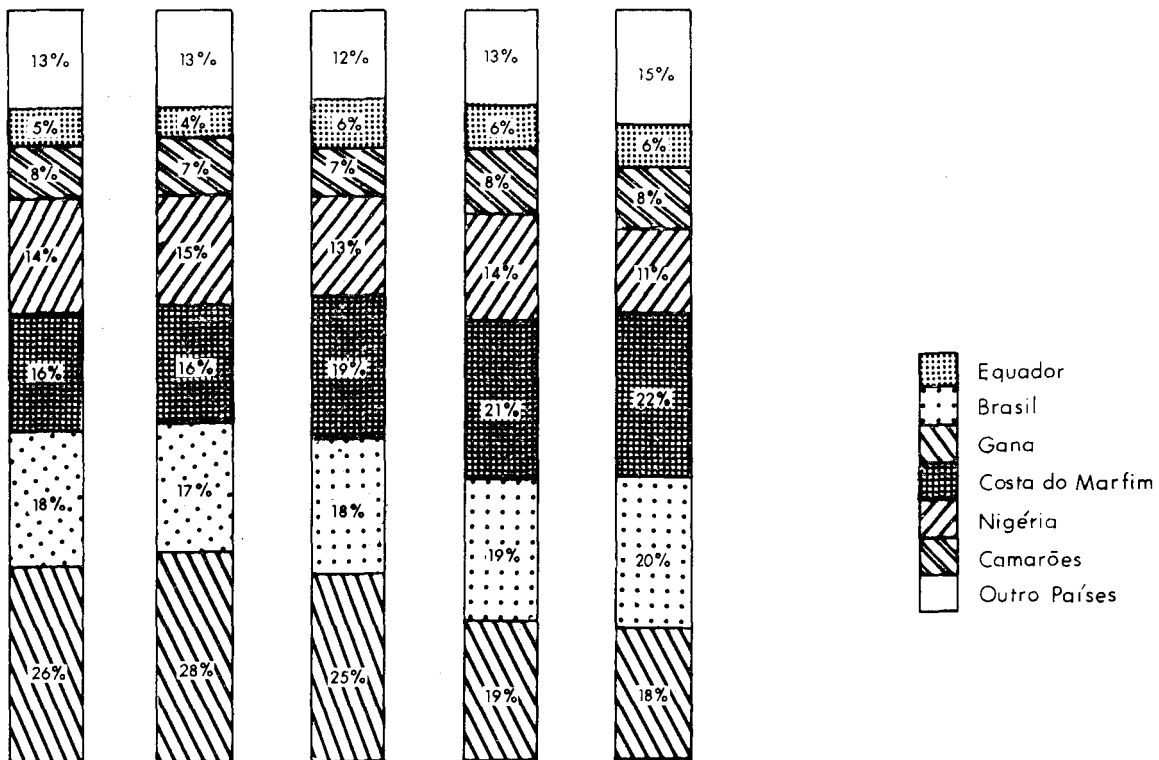
Embora se possa afirmar que as oscilações que caracterizaram a produção cacauera mundial, ao longo dos anos, tenham tido repercussões significativas nos preços do produto, torna-se difícil uma comparação da série de dados disponíveis relativos à produção de cacau com aquela referente às cotações do produto no mercado internacional, uma vez que a primeira série é registrada em termos de ano safra e a segunda em termos de ano civil.

Considerando um período representado pelos últimos cinco anos, as alterações nas cotações do produto no mercado internacional parecem estar diretamente vinculadas a flutuações no volume da produção mundial de cacau. Elevações significativas de preço foram registradas em 1976 e 1977, quando se verificou uma queda considerável na produção, que passou de 1.438.000 toneladas a 1.288.000 toneladas. Assim, o preço na bolsa de Nova Iorque, que era de 54,90 cêntimos/libra-peso, em 1975, passou a 92,00 cêntimos em 1976 e 167,20 em 1977. Constatase, também, que a recuperação da produção em 1977/78 (1.445.000 toneladas), atingindo nível similar ao de 1975/76, foi acompanhada de uma redução da ordem de 16,42 cêntimos na cotação do cacau.

Por outro lado, a disponibilidade do produto, no decorrer de um ano safra, varia de maneira expressiva, já que no período de outubro a janeiro se superpõem a safra principal do Brasil e as safras de três grandes produtores africanos. Esse período definiria, assim, o ano safra como um ano de grande ou pequeno volume de produção. Já o período de abril a agosto corresponde àquele de menor disponibilidade de cacau no mercado internacional, detendo o Brasil grande parte da oferta, uma vez que sua safra temporã se eleva, com certa frequência, a níveis superiores ao da safra denominada principal, como ocorreu nos quatro últimos anos.

PARTICIPAÇÃO DOS PRINCIPAIS PAÍSES PRODUTORES

NA PRODUÇÃO MUNDIAL DE CACAU 1974/5 1978/9



As safras principais dos grandes produtores mundiais de cacau, embora não tenham correspondido às previsões otimistas do início do último ano safra internacional, tendo se registrado algumas perdas, sobretudo nos países africanos, permitiram que se mantivesse um nível de oferta expressivo. Tal ocorrência se refletiu no decréscimo do preço do cacau que, de 179,50 centimos em novembro de 1978, passa a 143,92 em abril de 1979, valor que, segundo informe recente da Organização Internacional do Cacau, representou o ponto mais baixo nas cotações do corrente ano safra internacional, mantendo-se estável no restante do primeiro semestre de 1979.

Uma tentativa de contornar os problemas gerados pela flutuação acentuada dos preços consubstanciou-se no estabelecimento do Acordo Internacional do Cacau em 1972. Este, entretanto, não atingiu o objetivo pretendido, diante da impossibilidade de formar estoques reguladores para o mercado internacional, em face da alta acentuada dos preços que atingiram cifras superiores a 150,00 centimos, apesar de o acordo vigente fixar a faixa de 65,00 a 81,00 centimos para a flutuação do preço.

O próximo acordo a ser efetuado, ainda no decorrer deste ano, poderá, segundo informação divulgada pela CEPLAC, conduzir à fixação de preços mais realistas para o cacau, podendo o preço médio situar-se em 160,00 centimos de dólar por libra-peso. Esse preço representaria uma redução nas pretensões iniciais dos produtores, em troca do investimento de US\$ 200.000.000,00, a ser realizado pela secretaria do Acordo, para a formação de um estoque regulador para o mercado internacional (*Jornal do Brasil* — junho 1979).

Segundo dados publicados no *Anuário Estatístico do Cacau* — 1978, verificou-se ser o Brasil, entre os grandes produtores de cacau, o país onde tem se registrado, nos últimos anos, os mais altos preços pagos ao produtor. Não há preço mínimo garantido pelo Governo brasileiro para o cacau, sendo as transações efetuadas em função das cotações diárias do produto nas bolsas de Nova Iorque e Londres.

O preço médio de Cr\$ 666,93 por arroba, pago ao produtor, em 1978, foi atingido após uma evolução que replicou o comportamento dos preços internacionais, evidenciando uma alta mais acentuada, de 1976 para 1977, quando o preço se elevou de Cr\$ 234,26 a Cr\$ 649,38 por arroba (*Anuário Estatístico do Cacau* — 1978).

No mês de maio de 1979 o preço médio pago ao produtor foi de Cr\$ 630,95 por arroba, valor que mascara diferenciações no preço, segundo os estados produtores: Cr\$ 798,60 na Bahia, Cr\$ 569,25 no Amazonas e Cr\$ 525,00 no Pará. Tais diferenciações podem ser atribuídas à qualidade do produto oriundo das diversas áreas produtoras, qualidade essa muito mais vinculada às condições de beneficiamento do que à variedade cultivada. Desses estados, para os quais se dispõe de dados referentes ao preço pago ao produtor no mês de maio, é a Bahia o estado onde se registra maior participação do cacau de qualidade superior no volume total da produção — 78,5% — enquanto que nos Estados do Amazonas e Pará a proporção de cacau classificado como refugo é superior a 85% da produção.

Os Estados da Bahia e Espírito Santo, pela qualidade superior e volume de sua produção, são os que participam mais ativamente do comércio internacional do cacau, contribuindo com cerca de 95% do valor das exportações brasileiras de cacau, que atingiram US\$ 834.108.000,00 em 1978. Desse total, 54,4% foram constituídos por

amêndoas (tabela 4) e o restante por derivados (manteiga, liquor, torta, pó, etc.)¹.

Registrou-se, ao longo do tempo, uma modificação sensível no que se refere à composição das exportações, tendo os produtos semiprocessados adquirido importância crescente em detrimento da exportação de amêndoas (gráfico 3). Essa tendência, que se observou nos países produtores, de modo geral, foi particularmente acentuada no Brasil, após a segunda guerra mundial, quando tomou impulso o semiprocessamento para exportação.

Uma série recente de dados sobre exportação de derivados permite observar a tendência ascendente de sua participação no valor total das vendas ligadas ao cacau, participação essa que se elevou de 37,9% em 1974, a 45,6% em 1978. Os mesmos dados permitem ainda verificar a evolução da participação de cada um dos derivados no valor total das exportações: a manteiga de cacau teve reduzida a sua contribuição no quadro do valor das exportações (passando de 29,5% em 1974 a 9,9% em 1978), enquanto que outro derivado — o liquor — ao ter sua exportação liberada em 1972 com a diminuição da cota de contribuição cambial, apresentou comportamento inverso no quadro de vendas, elevando de 4,1% em 1974 a 23,3% em 1978 a sua participação no valor total das exportações de amêndoas e semiprocessados.

Das exportações já efetuadas nos cinco primeiros meses do ano de 1979, 50,1% do valor foram representados pelas vendas de liquor e manteiga de cacau, cabendo 35,5% do valor das exportações à venda de amêndoas.

As alterações registradas na composição das exportações de cacau, com o referido aumento da participação dos semiprocessados, corresponde a transformações operadas no quadro do consumo mundial, tendo sido reduzida a capacidade de moagem nos países consumidores. Entre estes, os Estados Unidos constituem-se, tradicionalmente, no principal importador, tendo recebido, no período 1974/78, um terço ou pouco mais do valor total das exportações brasileiras de cacau. Os países da Comunidade Econômica Européia, sobretudo a Alemanha Ocidental e os Países Baixos, seguidos pela União Soviética, constituem-se em outros grandes compradores do cacau produzido no Brasil.

Considerando-se as exportações nacionais em 1978, verifica-se que 30,6% do valor das mesmas resultaram de vendas efetuadas para os Estados Unidos, 25,8% de embarques para a Comunidade Econômica Européia e 20,8% de remessas para a União Soviética. Os Estados Unidos têm posição proeminente na absorção do liquor produzido no Brasil, recebendo 41,8% das exportações brasileiras desse derivado do cacau. Seguem-se, em importância, a Polônia, absorvendo 17,7%, e a Comunidade Econômica Européia 8,1% das exportações nacionais de liquor. Nas compras de manteiga de cacau a Comunidade Econômica Européia deteve a posição de liderança em 1978, já que 37,8% da receita gerada por exportações desse produto foram provenientes de transações efetuadas com a CEE, enquanto 36,8% e 19,0%, respectivamente, resultaram de negociações realizadas com os Estados Unidos e a União Soviética.

Os dados relativos às exportações de cacau, fornecidas pela Carteira de Comércio Exterior do Banco do Brasil — CACEX — e referentes aos cinco primeiros meses do ano de 1979, não revelam grandes modificações no quadro dos compradores de cacau em amêndoas e de seus deri-

1 O liquor corresponde à amêndoa integral, sem casca, umidade ou resíduos. Dele, por processo de prensagem, extraem-se a manteiga, a torta e o pó.

EXPORTAÇÃO BRASILEIRA DE CACAU EM AMÊNDOAS E DERIVADOS - 1974-78

(US \$ 1 000)

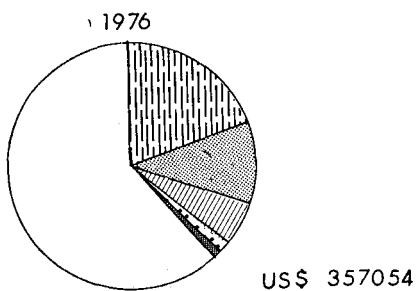
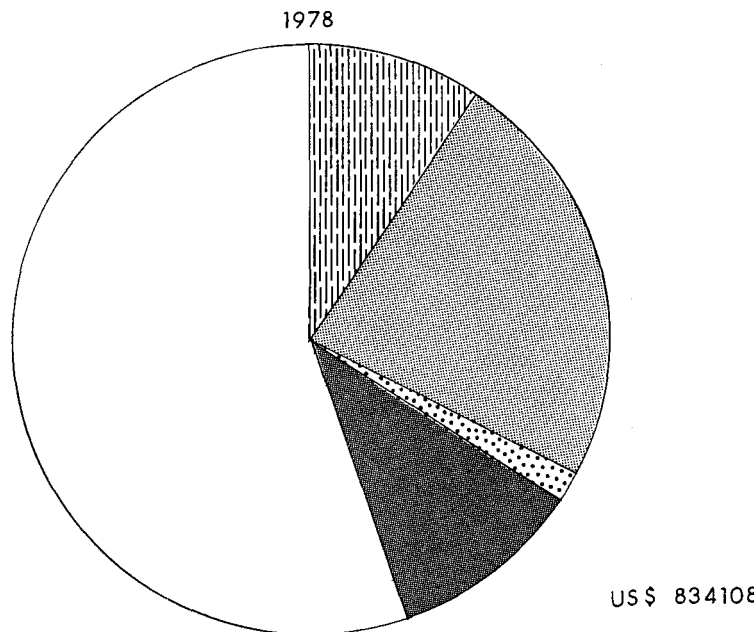
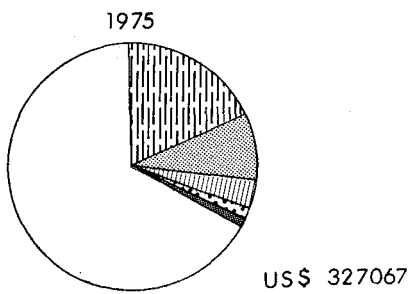
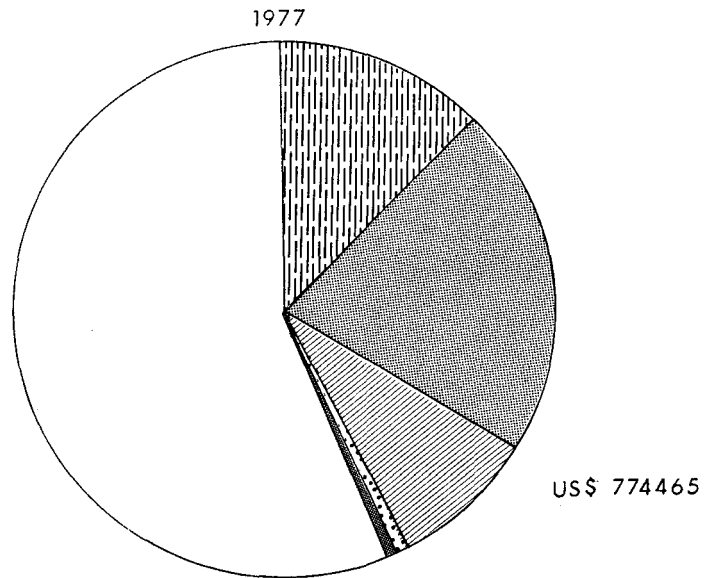
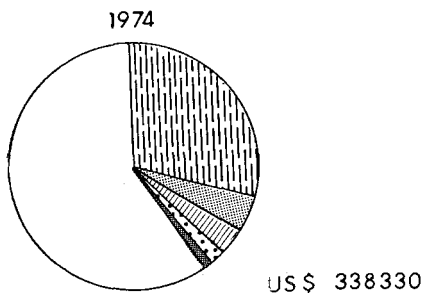
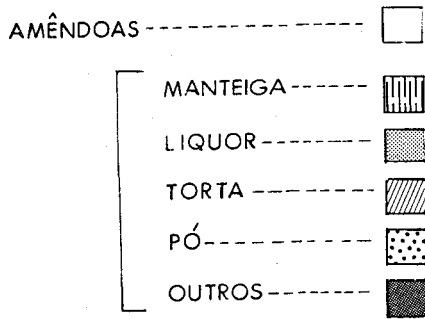


TABELA 4

Exportação brasileira de cacau em amêndoas e derivados
 Período 1974/1978
 US\$ (1.000)

ANOS	VALOR ABSOLUTO DAS EXPORTAÇÕES							
	Amêndoas	Derivados						Total
		Manteiga	Liquor	Torta	Pó	Outros	Total	
1974.....	210.002	99.991	13.977	11.361	1.744	1.255	128.329	338.330
1975.....	220.369	60.208	27.796	11.963	5.867	864	106.698	327.067
1976.....	218.757	70.020	42.122	20.738	4.397	1.020	138.297	357.054
1977.....	435.467	96.823	166.053	68.770	4.127	3.235	339.008	774.475
1978.....	453.813	83.026	194.385	(1)	13.492	89.392	380.295	834.108

FONTE: *Anuário Estatístico do Cacau* — 1978 p. 134, CEPLAC 1979.

(1) Banco do Brasil — CACEX

Exportação brasileira de cacau em amêndoas e derivados
 Período 1974/1978
 US\$ (1.000)

ANOS	VALOR PERCENTUAL DAS EXPORTAÇÕES							
	Amêndoas	Derivados						Total
		Manteiga	Liquor	Torta	Pó	Outros	Total	
1974.....	62,07	29,55	4,13	3,36	0,52	0,37	37,93	100,00
1975.....	67,38	18,41	8,50	3,66	1,79	0,26	32,62	100,00
1976.....	61,27	19,61	11,80	5,81	1,23	0,28	38,73	100,00
1977.....	56,23	12,50	21,44	8,88	0,53	0,42	43,77	100,00
1978.....	54,41	9,95	23,30	(1)	1,62	10,72	45,59	100,00

FONTE: *Anuário Estatístico do Cacau* — 1978 p. 136, CEPLAC 1979

(1) Os dados fornecidos pela CACEX não permitem discriminar as exportações de torta

vados produzidos no Brasil, permanecendo os Estados Unidos, a Comunidade Econômica Européia e União Soviética como principais compradores e aparecendo a Polônia com participação expressiva de negociações efetuadas com o Brasil.

A colocação do cacau no mercado externo é supervisionada pela CACEX, sendo que na comercialização do cacau em amêndoas atuam firmas comerciais, cooperativas e também o Instituto de Cacau da Bahia, enquanto que da exportação dos semiprocessados participam as firmas industriais.

Observações relativas não só aos aspectos do consumo mundial e nacional do cacau como também às tendências gerais observáveis no âmbito da produção nacional tornam-se pertinentes no sentido de uma avaliação das perspectivas da cacauicultura brasileira.

Do lado do consumo tem-se uma demanda mundial que vem se mantendo estável, porém pode ser consideravelmente ampliada quando se tem em conta que os principais compradores do cacau brasileiro apresentavam, em 1977, segundo dados divulgados pelo *Anuário Estatístico do Cacau*, índices de consumo anual *per capita* relativamente baixos, quando confrontados com o índice da Suíça, país que revelou mais alto consumo: 3,6 Kg. Para os Países Baixos e a Alemanha Ocidental, principais compradores integrantes da Comunidade Econômica Européia, verificaram-se índices de 2,6 e 2,7 Kg, respectivamente. Já para os Estados Unidos registrou-se o índice de 1,5 Kg e para a União Soviética o de 0,4 Kg. Tendo em vista a importância desses países como compradores do cacau brasileiro, uma elevação do consumo *per capita* que neles ocorresse poderia significar ampliação considerável das exportações brasileiras.

Situando-se o consumo nacional de cacau em torno de 0,2 Kg *per capita*, pode-se acreditar na exequibilidade da ampliação das vendas para o mercado interno, que atualmente se restringem a 10% da safra brasileira. Com o objetivo de promover tal ampliação, vem os fabricantes de chocolate desenvolvendo campanha no sentido de estimular o consumo do cacau, bastante limitado por hábitos alimentares arraigadas na população brasileira e pela crença na inadequação do chocolate ao consumo em países tropicais. Um importante fator limitante da expansão da demanda de cacau, entretanto, encontra-se no baixo poder aquisitivo de um segmento considerável da população brasileira, o qual se mantém à margem do consumo de produtos alimentares não considerados básicos.

Do lado da produção nacional de cacau existem perspectivas promissoras de aumento, a curto e médio prazo, nos níveis de produção, com base na duplicação da área produtiva atual e na elevação da produtividade a ser alcançada como resultado de medidas visando à racionalização da cacauicultura. Assim, acredita-se na viabilidade de uma produção ascendente e sujeita a menor amplitude de variação, em volume, ao longo do tempo.

Diante da tendência de expansão da produção nacional, com vistas a atingir, em meados da década de 1980, volume superior à metade do atual consumo mundial de cacau, cabe indagar em que medida o ritmo de expansão do consumo nacional e internacional desse produto será compatível com a expansão da produção prevista para o Brasil, a qual, por sua vez, não pode ser dissociada da produção mundial de cacau.